

Presidente para uso externo

A baldeação dos brilharecos, condecorações, títulos, rapapés, salamaleques, pompas e reverências dos giros pelo exterior para a mediocridade da rotina de governo deve ser um sacrifício para o presidente Fernando Henrique Cardoso.

E, talvez, em nenhuma das outras viagens do incansável colecionador das badalações do mundo, como nesta última, da qual acaba de regressar, o esforço de readaptação seja mais transparente, na sofrida reciclagem ao cenário das amofinações cotidianas.

Até porque o presidente resolveu passar recibo no desconforto. Claro que com os cuidados e a categoria de quem sabe manejar as palavras e enfeitá-las com o sorriso que adoça o amargo da queixa.

O primeiro desabafo, com a desculpa da estafa da programação exaustiva, cumprida a risca em Paris, aconteceu na visita ao Museu Olímpico, em Lausanne, no desdobramento do giro para a simpática cabala em favor das pretensões do Brasil de sediar no Rio as Olimpíadas de 2004. Confessando-se extenuado, lamentou a falta de um primeiro-ministro, com quem dividir o fardo da agenda sobrecarregada.

Como não era possível interpretar ao pé da letra a sugestão presidencial, dela ficou a impressão de um comentário de circunstância, com a nota saudosista do parlamentarista que não renunciou às convicções.

Mas, os sinais de desgaste e estresse transparecem na críticas aos jornalistas que só sabem apontar erros no governo, numa linha de pessimismo que não encontra correspondência nos índices das pesquisas. O catastrofismo pegou como vício deformante e não concede nenhum espaço ao reconhecimento dos acertos nem afaga a esperança.

A descontração da conversa informal costuma ser mais reveladora do que a declaração solene, voz empostada e todas as defesas alertas.

Vá lá que o presidente, afinal, tenha passado recibo às advertências aos exageros das longas e repetidas viagens desses movimentados 17 meses de mandato. Não é tudo. Convém avançar um pouco além da exploração do fundo da alma, assim exposta no descuido da distância.

Ora, o reparo não insinuou o enxugamento da agenda para encaixar intervalos para a recuperação. A referência brincalhona à falta do primeiro-ministro sugere a fórmula ideal de divisão de tarefas: o primeiro-ministro —

emprestado do regime parlamentarista para o transplante exdrúxulo — ficaria com a massacrante chefia do Executivo, com as obrigações entediadas das audiências com ministros, secretários, visitantes, parlamentares, a maçada infernal

das articulações políticas, das insuportáveis reuniões ministeriais, a papelada para despachar, assinar.

Preservado, lépido, caberiam ao presidente da República as amenas obrigações da representação do Estado, com vagares para viagens internacionais repousadas, com tempo para flunar pelas margens do Sena na doçura da primavera parisiense, para as conversas com intelectuais da sua turma, exercitando as habilidades do poliglota fluente.

Não é preciso apelar para a ajuda dos profissionais para compreender e entender a impaciência de Fernando Henrique. Certamente que a miudeza da burocracia não o atrai. Nem o governo se aventura à execução de um programa de dimensões ambiciosas, capaz de superar fadigas e aborrecimentos com a empolgação da obra em marcha.

A rotina é mesmo aborrecida. Pior quando não está acontecendo nada.

E vice-presidente tapa os buracos das ausências, mas é um interino. Nada comparável com o primeiro-ministro da invenção presidencialista do sociólogo e presidente Fernando Henrique Cardoso.

Os sinais de desgaste e estresse transparecem nas críticas aos jornalistas

regime parlamentarista para o transplante exdrúxulo — ficaria com a massacrante chefia do Executivo, com as obrigações entediadas das audiências com ministros, secretários, visitantes, parlamentares, a maçada infernal

das articulações políticas, das insuportáveis reuniões ministeriais, a papelada para despachar, assinar.

Preservado, lépido, caberiam ao presidente da República as amenas obrigações da representação do Estado, com vagares para viagens internacionais repousadas, com tempo para flunar pelas margens do Sena na doçura da primavera parisiense, para as conversas com intelectuais da sua turma, exercitando as habilidades do poliglota fluente.

Não é preciso apelar para a ajuda dos profissionais para compreender e entender a impaciência de Fernando Henrique. Certamente que a miudeza da burocracia não o atrai. Nem o governo se aventura à execução de um programa de dimensões ambiciosas, capaz de superar fadigas e aborrecimentos com a empolgação da obra em marcha.

A rotina é mesmo aborrecida. Pior quando não está acontecendo nada.

E vice-presidente tapa os buracos das ausências, mas é um interino. Nada comparável com o primeiro-ministro da invenção presidencialista do sociólogo e presidente Fernando Henrique Cardoso.